

# CADMO

---

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

32



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA  
2023



**CADMO**

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**32**

Editor Principal | Editor-in-chief  
Nuno Simões Rodrigues



Centro de História da Universidade de Lisboa

2023



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**Editor Principal | Editor-in-chief**

Nuno Simões Rodrigues

**Editores Adjuntos | Co-editors**

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

**Assistentes de Edição | Editorial Assistants**

Catarina Madeira, Matilde Frias Costa

**Revisão Editorial | Copy-Editing**

Catarina Madeira, Matilde Frias Costa

**Investigadores História Antiga | Ancient History Researchers**

Bruno Marques dos Santos, Joana Pinto Salvador Costa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

**Redacção | Redactional Committee**

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa Sousa Muccioli (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), João Paulo Galhano (Universidade de Lisboa), Maria Ana Vaidez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svárd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Bristol), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa)

**Comissão Científica | Editorial and Scientific Board**

Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Antonio Loprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Treballe (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico), Sandra Boehringer (Université de Strasbourg).

**Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue**

Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), , Elisa Sousa Muccioli (Universidade de Lisboa), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), Francisco Salvador Ventura (Universidad de Granada), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Juan Luis Montero Fenollós (Universidade da Coruña), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Marta Pacheco Pinto (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Vasileios Balaskas (University of Malaga).

**Editora | Publisher**

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2023

**Concepção Gráfica | Graphic Design**

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual



ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15.00

**Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History**

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon  
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL  
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63  
cadmo.journal@letras.ulisboa.pt | <https://cadmo.letras.ulisboa.pt>



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to the Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

# SUMÁRIO

## TABLE OF CONTENTS

### 09 AUTORES CONVIDADOS

#### GUEST ESSAYS

- 11 "INFERIOR PERO INDISPENSABLE, TEMIDA PERO TAMBIÉN, (...), DESEADA, E INCLUSO AMADA."

El peligro de lo femenino en la creación y consolidación de la comunidad de dioses y hombres

*The danger of the Feminine in the creation and consolidation of the community of Gods and Men*

Núria Llagüerri Pubill & Carmen Morenilla Talens

- 39 DESFAZENDO O TECIDO DE PENÉLOPE:  
Cultura material, pesos de tear e a questão de gênero

*UNDOING PENELOPE'S FABRIC:*

*Material culture, loom weights and gender studies*

Arianna Esposito & Airton Pollini

### 61 ESTUDOS

#### ARTICLES

- 63 A ASCENSÃO E QUEDA DE UMA PRINCESA BABILÓNICA NO SÉCULO XIV A.C.:  
Tawananna, de rainha a proscrita do Hatti

*THE RISE AND FALL OF A BABYLONIAN PRINCESS IN THE 14<sup>TH</sup> CENTURY BCE:*

*Tawananna, from queen to outcast of the Hatti*

Ana Satiro & Isabel Gomes de Almeida

- 83 VISÕES OITOCENTISTAS PORTUGUESAS SOBRE O ANTIGO EGÍPTO

*NINETEENTH-CENTURY PORTUGUESE PERSPECTIVES ON ANCIENT EGYPT*

João Paulo Simões Valério

- 109 REFLEXOS DE UMA CIVILIZAÇÃO:  
Representações do Mundo Helénico em Espelhos Etruscos

*REFLECTIONS OF A CIVILIZATION:*

*Representations of the Hellenic World in Etruscan Mirrors*

Catarina dos Santos Madeira

**129 NOTAS E COMENTÁRIOS**

*COMMENTS AND ESSAYS*

**155 RECENSÕES**

*REVIEWS*

**269 IN MEMORIAM**

**279 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO**

*JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES*



**ESTUDOS  
ARTICLES**

# VISÕES OITOCENTISTAS PORTUGUESAS SOBRE O ANTIGO EGÍPTO

## NINETEENTH-CENTURY PORTUGUESE PERSPECTIVES ON ANCIENT EGYPT\*

João Paulo Simões Valério

Universidade de Lisboa, Centro de História

jvalerio@campus.ul.pt |  <https://orcid.org/0000-0001-6803-6008>

proposta: 13/04/2023 | aceitação: 02/10/2023  
submission acceptance

**Resumo:** O presente artigo foi elaborado com o propósito de suprir a ausência de estudos relacionados com a recepção do antigo Egípto no Portugal oitocentista. Abordaremos, com esse intuito, a partir dos testemunhos de José de Urcullu, da *Biblioteca do Povo e das Escolas*, de Consiglieri Pedroso e especialmente de Oliveira Martins, a visão que estes autores tinham sobre o antigo Egípto. A metodologia empregada consistiu em utilizar como fontes primárias os autores supracitados, coligindo os seus textos ou cotejando com outras fontes e estudos.

**Palavras-chave:** recepção do antigo Egípto em Portugal; século XIX; José de Urcullu; *Biblioteca do Povo e das Escolas*; Consiglieri Pedroso; Oliveira Martins.

**Abstract:** The present article was elaborated to compensate for the lack of studies related to the reception of Ancient Egypt in 19th century Portugal. Based on the testimonies of José de Urcullu, of the *Biblioteca do Povo e das Escolas*, of Consiglieri Pedroso and especially of Oliveira Martins, we will discuss the vision that these authors had about Ancient Egypt. The methodology employed consisted of using as primary sources the above-mentioned authors, collecting or comparing them with other sources and studies.

**Keywords:** reception of Ancient Egypt in Portugal; 19th century; José de Urcullu; *Biblioteca do Povo e das Escolas*; Consiglieri Pedroso; Oliveira Martins.

---

\* Aos avaliadores deste artigo se agradecem as recomendações e sugestões que foram feitas.



## Introdução

O estudo da recepção do antigo Egipto no Portugal oitocentista carece de uma investigação e reflexão profundas. Não obstante os estudos de Araújo (2000) e Silva (2007, 2008), ainda está por sistematizar o modo como a literatura portuguesa<sup>1</sup> – e aqui abrangemos os diversos ramos das ciências sociais nascentes – recepcionou o Egipto faraónico e as novidades que acerca dele chegavam tanto do Egipto como da Europa. O presente estudo pretende, deste modo, suprir essa lacuna no que diz respeito aos estudos de recepção do antigo Egipto no Portugal do século XIX. A escolha deste século tem que ver com a emergência da egiptologia como ciência na Europa oitocentista, inserida dentro dos chamados estudos orientais, em que França foi o país pioneiro.<sup>2</sup> Como verificaremos, a recepção do antigo Egipto no Portugal oitocentista conheceu três fases: a pré-egiptológica, a proto-egiptológica e uma fase em que conviviam diversas interpretações que incorporavam, por um lado, os saberes da egiptologia, mas, por outro, repetiam diversos lugares-comuns reminiscentes das fases anteriores pré-egiptologia e da proto-egiptologia misturados com concepções ideológicas e ráticas que estavam em voga na época em questão. Optámos, perante uma panóplia de autores portugueses que escreveram sobre o antigo Egipto no século XIX,<sup>3</sup> por nos cingir a obras de cariz didáctico-historiográfico ou de carácter factual. Com o intuito de delimitar o nosso objecto de estudo, cingimo-nos aos seguintes testemunhos: José de Urcullu, a *Biblioteca do Povo e das Escolas*, Consiglieri Pedroso e Oliveira Martins. Será dada particular relevância a Oliveira Martins, uma vez que o historiador escreveu proficilmente sobre o antigo Egipto. Na literatura crítica contemporânea

- 
- 1 Nesse ramo dispomos igualmente do trabalho de Enes (1868) que optámos por não analisar. V. Silva (2007, 53-54, 90-94; 2008). Sobre a maçonaria portuguesa e o antigo Egipto, cf. u.g. Silva (2007, 64-65, 75-82).
  - 2 V. u.g. Almeida (2017, 90-94); Sales (2007, 15-104). A esta visão não está alheia a expedição napoleónica de 1798 ao Egipto que, segundo Said (2004, 101), marca o início do orientalismo moderno; cf. igualmente Lima (1999, 146).
  - 3 Sendo a maior parte deles testemunhos de viagem. O mais famoso, sem ser o de Eça, foi o de Visconde de Benalcanfor – Ricardo Guimarães –, autor de vários relatos de viagem. No que diz respeito ao Egipto, este publicou, a partir de uma viagem em 1869, *De Lisboa ao Cairo. Cenas de Viagem*, em 1876. M. F. Mónica considera o relato de Ricardo Guimarães como uma “obra medíocre” (Eça de Queirós 2015, 17). Ainda Ribeiro (1873-1874), V. Silva (2007, 59-60; 2008, 62) e Rivara (1856); cf. Silva (2008, 61). Mais sobre as narrativas de viagem oitocentistas portuguesas em Silva (2007, 57-64). Lembremo-nos, igualmente, das viagens ao Oriente nos séculos XVII e XVIII de António Tenreiro e Frei Gaspar de São Bernardino (Araújo 2000, 57), com mais pormenores em Carreira (1980) 61-67 para Tenreiro e 138-49 para Frei Gaspar.

sobre a relação entre o antigo Egipto e Oliveira Martins há, porém, apenas esparsas referências em dois artigos e uma tese, pelo que se torna necessário uma abordagem mais profunda.<sup>4</sup> Para o seu amigo Eça de Queirós, devido à publicação póstuma de *O Egipto Notas de Viagem*, pelo seu filho mais velho, há uma série de estudos.<sup>5</sup> Por conseguinte, não iremos inserir no nosso estudo este texto.

Este artigo será, pois, conduzido da seguinte forma: discutiremos, em primeiro lugar, a partir de uma análise cronológica dos autores e textos escolhidos, a sua recepção do Egipto faraónico, incidindo em questões relativas à onomástica utilizada, os *topoi* transversais, fontes e bibliografia usados e a importância do antigo Egipto para a história da civilização humana. Abordaremos, em segundo lugar, a percepção martiniana do antigo Egipto. Num primeiro ponto, a tradução de Oliveira Martins do *Egipto* de George Ebers pretende clarificar algumas incorrecções relativamente à data de edição e à sua tradução, sendo o segundo ponto dedicado aos pensamentos do historiador português em relação à civilização egípcia.

- 
- 4 Um de Silva (2008), onde a autora se refere à obra *Sistema dos Mitos Religiosos*, mas de forma incipiente e até anacrónica, ao colocar a edição da obra em 1895, quando o primeiro volume foi lançado quando Oliveira Martins estava vivo (1882; cf. Silva 2008, 60-62). Este artigo desenvolve e resume, basicamente, a dissertação de mestrado da mesma autora: v. Silva (2007, 55-56, 83-97, principalmente sob o ponto de vista de como o historiador entenderia a “religião egípcia”). O outro estudo insere-se num artigo de Matos (2002) sobre a recepção do Oriente em Portugal, recorrendo ao caso de Oliveira Martins. Neste artigo, o antigo Egipto é apenas levemente afluído, não havendo uma análise pormenorizada sobre esse assunto (cf. Matos 2002, 220). Para o nosso artigo descortinamos, igualmente, o catálogo da biblioteca do historiador, recentemente publicado: Oliveira Martins (2009). Oliveira Martins possui, por exemplo, a tradução inglesa da *Geschichte des Altertums, The history of antiquity*, publicada em seis volumes de 1887 a 1882, do historiador alemão Max Duncker (Oliveira Martins 2009, 580); *Les premières civilisations: études d'histoire et d'archéologie* do assiriólogo e arqueólogo francês François Lenormant, publicado em dois volumes no ano de 1874, pertencente a Antero de Quental (Oliveira Martins 2009, 820); o famoso *Histoire ancienne des peuples de l'Orient* do egiptólogo Gaston Maspero, publicado em 1875 (Martins 2009, 937); a segunda edição da tradução inglesa intitulada *Outlines of the history of religions to the spread of the universal religions*, publicada em 1880, de C. P. Tiele, famoso teólogo holandês (Oliveira Martins 2009, 1458). Oliveira Martins possui, igualmente, os autores clássicos que versam sobre o antigo Egipto, como Heródoto (Oliveira Martins 2009, 733), tendo também o nosso autor recorrido à biblioteca do amigo Antero de Quental, como se depreende em algumas cartas (u.g. carta de Antero a Oliveira de 20 de Fevereiro de 1879 in Quental (2009, 2:133) e a exemplares conservados nas suas bibliotecas (Albuquerque in Oliveira Martins 2009, 10, 17). Cf. mais reflexões sobre o acesso que Oliveira Martins teria a outras bibliotecas e as vicissitudes da transmissão da sua biblioteca até chegar à posse da Biblioteca Geral de Coimbra em (Albuquerque in Martins 2009, 7-11).
- 5 Cf. u.g. Girodon (1959, 3-60); Garção (1947, 208-10); Araújo (2000, 68-74); Araújo (1993-1994, 125-43); “(O) Egipto. Notas de Viagem” e “(O) Egipto na Obra de Eça” Araújo in Matos (2015). V. igualmente a série de artigos que Eça publicou para o *Diário de Notícias* em Janeiro de 1870: Eça de Queirós (n.d., 5-21). Para as viagens de Eça, cf. u.g. Cruz (1952, 31-47); Soler (1999, 13-51). *O Egipto* de Eça tem sofrido, na sequência de um renovado interesse em literatura de viagem, um revigoramento, tendo sido publicadas recentemente duas novas edições de A. C. Matos (Eça de Queirós 2015) e M. F. Mónica (Eça de Queirós 2016).

Os textos abordados serão transcritos e uniformizados segundo a ortografia do Acordo Ortográfico de 1945, seguindo-se as regras do *Dicionário do Antigo Egípto*, quanto a onomástica e termos egípcios (*DAE*, 2001).

Recuaremos até à década de 30 do século XIX, em que José de Urcullu (1790-1852), autor espanhol radicado em Portugal, escreve uma aclamada obra em III tomos com o título *Tratado Elementar de Geografia. Astronómica, Física, Histórica ou Política, Antiga e Moderna*, entre os anos de 1835-1839.<sup>6</sup> Nesta obra, principalmente no III tomo, é descrito o Egípto.<sup>7</sup> Passaremos, depois, para a *Biblioteca do Povo e das Escolas*, de David Corazzi,<sup>8</sup> já dissecado por alguma bibliografia,<sup>9</sup> mas nunca tratado sob o ponto de vista da recepção da História Antiga, nomeadamente do antigo Egípto.<sup>10</sup> Um dos livrinhos desse projecto, de autoria de Almeida d'Eça, *História Antiga do Egípto*, é totalmente dedicado à civilização egípcia, o que demonstra o ensejo de introduzir nas escolas portuguesas o antigo Egípto como saber. Segue-se o caso de Zófimo Consiglieri Pedroso (1851-1910), que foi uma das primeiras pessoas a receber formação universitária no Curso Superior de Letras. Tal como Oliveira Martins, por exemplo, Pedroso tinha motivações político-pedagógicas, considerando este que a instrução seria um meio essencial para a regeneração da pátria.<sup>11</sup>

## I – José de Urcullu

Podemos afirmar que o primeiro passo ao encontro de uma compreensão científica do antigo Egípto em Portugal se dá com José de Urcullu, no *Tratado Elementar de Geografia* (1835-39). Nota-se, claramente, que estamos num período

6 Mais pormenores em Silva (1860, 5: 149).

7 Escolhemos esta obra uma vez que, na nossa opinião, apresenta uma fase de transição entre o conhecimento judaico-cristão e a embrionária ciência egiptológica: v. u.g. Oliveira (1805).

8 Para a vida e obra v. “Corazzi (David)” in Pereira et Rodrigues (1906, 1130-1).

9 V. Domingos (1985, 13-134); Viana (1990, 109-32); Nabo (2012). Cf. Matos (1998, 157-8).

10 Nela colaboraram diversos autores da pequeno-média burguesia portuguesa, e estes livros, de apenas 64 páginas, que custavam 50 réis, tiveram uma grande divulgação no ensino primário e liceal.

11 Matos 1998, 122. Segundo Matos (1998, 194), os compêndios da História Universal foram a “primeira tentativa séria de apresentar ao público escolar português uma História Universal, numa perspectiva de história da civilização”. O Egípto faraónico ocupou, nesta perspectiva, um lugar importante nestas obras de divulgação. De facto, o antigo Egípto é tratado no *Compêndio de História Universal*, no *Manual de História Universal*, em *As Grandes Épocas da História Universal* e no *Compêndio da História dos Povos Orientais*.

de transição entre o legado judaico-cristão e a egiptologia inaugurada recentemente por François Champollion. Urcullu afirma, no tomo I, que o Egípto é um “antiquíssimo, memorável na história sagrada e profana, e o berço das ciências e artes do antigo mundo civilizado.<sup>12</sup> Desde tempo imemorial foi governado por reis, o mais antigo deles, nomeado na Escritura, tinha o nome de Faraó”.<sup>13</sup> Já se nota em Urcullu uma tentativa de se aproximar à ciência,<sup>14</sup> demonstrando o autor, ainda que de modo incipiente, atenção aos desenvolvimentos europeus deste embrionário saber, citando diversas vezes Champollion.<sup>15</sup>

## II – A Biblioteca do Povo e das Escolas

Inaugurado em 1881, o projecto *Biblioteca do Povo e das Escolas* pretendia alcançar, como o título ressaltava, o povo e as escolas.<sup>16</sup> Das 29 séries publicadas entre 1881 e 1913, representando 237 volumes, com um máximo de 64 páginas cada, temos um volume dedicado exclusivamente ao antigo Egípto: *História antiga do Egípto* (1890) de Almeida d’Eça. Houve também outros volumes com partes dedicadas ao antigo Egípto, como: *História Universal* (1882); *História Antiga* (1883);

12 Ao apresentar o Egípto, Urcullu afirma que o “Egípto, mãe das ciências e das artes, instruiu a Grécia, e esta os Romanos, para eles nos instruírem mais tarde” (1839, 3: 777).

13 Urcullu 1835, 1: 279. No domínio da Egiptologia nascente, já no tomo III, cita a publicação *Description de L’Egypte ou Recueil des Observations et des Recherches*, afirmando que a livraria de João Allen (pessoa a quem ele dedica o tratado) possui um exemplar desta monumental obra publicada em França entre 1809-1818, em 23 volumes, elogiando ainda a sagacidade de Champollion na decifração da escrita hieroglífica: Urcullu (1839, 3: 777-8). O mesmo autor cita ainda Giovanni Batista Belzoni, um “proto-arqueólogo”, autor de uma obra que relata a sua viagem e as suas descobertas no Egípto e na Núbia (Urcullu 1835, 1: 381-82), que se tratará do relato de viagem *Narrative of the Operations and Recent Discoveries within the Pyramids, Temples, Tombs and Excavations in Egypt and Nubia*, publicado em Inglaterra no ano de 1820. Também cita certo Webster (Urcullu 1839, 3: 777), que se deve tratar de James Webster, que lançou, em 1830, um testemunho sobre as suas viagens (entre 1825-8) pela Crimeia, Turquia e Egípto, inserindo-se este livro no domínio da literatura de viagens.

14 Não obstante a insistência nas grafias antigas (u.g. a menção em grego dos faraós edificadores das pirâmides de Guiza, Khufu, Khafre e Menkaure), já aparecem alguns nomes citados na forma egípcia; os erros, como refere Silva (2008, 62), devem-se a conceitos e descrições sobre a arte e história do Egípto (presentes nas literaturas de viagem), reflectindo algumas concepções judaico-cristãs, nomeadamente no recurso ainda frequente aos textos bíblicos.

15 V. Urcullu (1835, 1: 777-8, 1839, 3: 785-7). Cf. Araújo (2015, 291) para a importância de Champollion.

16 Segundo Corazzi: “O operário, o estudante, o chefe de família, ou o professor, não hesitarão em formar a sua “Biblioteca económica” com estes livrinhos que lhe explicam tudo quanto poderiam aprender em outros de preços elevadíssimos relativamente aos haveres de maior parte das pessoas” (Domingos 1985, 26). O número de tiragens foi significativo: tendo partido dos 10.000 exemplares, chegaram a atingir os 20.000 (n.º 16 da 2.ª série, 1881). Estes números são consideráveis se compararmos com os números da imprensa periódica: segundo Matos (1998, 157 n.º 89), o *Diário de Notícias*, por exemplo, passou de 17.000 exemplares diários em finais de 1869, para uma média de 26.000 em 1885. Ainda convém assinalar que muitos destes volumes acabaram por ser adoptados no ensino primário e liceal: v. Matos (1998, 34).

*Cronologia* (1883); *Arquitectura sacra* (1886); *História da Filosofia* (1886); *Mulher na Antiguidade* (1888); *História dos Antigos Povos Orientais* (1901) e a *História da Civilização Primitiva e Oriental* (1908).

Começamos por este autor: Oficial da Marinha, formado na Escola Politécnica, futuro professor de Direito Internacional na Escola Naval e interessado no antigo Egípto,<sup>17</sup> Almeida d’Eça apresenta uma reflexão estruturada: depois de indicar as fontes antigas e modernas do seu estudo (pp. 3-10), nota alguns acontecimentos e descobertas coevas.<sup>18</sup> No IV ponto, em que divide a história antiga do Egípto, Almeida segue a autoridade de Gaston Maspero.<sup>19</sup>

Os outros volumes da *Biblioteca do Povo e das Escolas* evidenciam a heterogeneidade dos colaboradores: em *Arquitectura Sacra*, de autoria de Celestino Soares, Major reformado,<sup>20</sup> a arquitectura do antigo Egípto é assinalada entre as páginas 14-18. Não faltam referências, nestas páginas, ao templo de Karnak, com realce para a grande sala hipostila do grande templo de Amon (que o autor cita correctamente), tendo, no entanto, Celestino Soares remetido para uma pintura presente na p. 19, que corresponde, todavia, à sala hipostila de um templo em Esna,<sup>21</sup> renovado nos principados de Cláudio e Vespasiano. Já na *História Universal*, de Xavier da Cunha, obra adoptada no ensino primário e no curso liceal,<sup>22</sup> este segue as tradições judaico-cristãs, começando a sua exposição onde “segundo as tradições bíblicas a humanidade provém de um par único (Adão e Eva)”,<sup>23</sup> ocupando as pp. 19-23 com a longa diáspora do povo judaico. Finalmente, na página 23 – depois de afirmar que “enquanto o povo de Israel assinalava na História o seu proeminente lugar” –, aborda o antigo Egípto desde Menés a Cleópatra VII (pp. 23-25). No Império Novo, o autor enfatiza as conquistas e

17 Pedroso 1883, IX n. 1.

18 Notando, u.g., a abertura do Museu de Bulak, em 1858, assinalando os contributos das descobertas do papiro real de Turim, do “Livro dos Mortos”, o papiro de Bulak, e o cemitério dos touros Ápis – descoberto em 1851 por Augusto Mariette (v. entrada “Ápis” no *DAE*, 84).

19 A tentativa de ser fiel ao egiptólogo leva-o, porém, a cometer algo inédito nas referências ao antigo Egípto no século XIX português: dividir os três períodos que Maspero propõe para a ordem cronológica do antigo Egípto – manowerano, apeano e saíta – o que não deixa de ser anacrónico, dado que a obra que julgamos que Almeida segue – *Histoire ancienne des peuples de l’Orient* (1875) – se refere igualmente ao período manowerano como menfita (v. u.g. Maspero 1875 54), e Ape como período tebano (embora julgemos que este erro se deverá a mais uma tentativa de transliteração a partir de outra obra: Wilkinson 1843, 2: 137).

20 Mais pormenores em Nabo (2012, 118).

21 «Esna» *DAE*, 338.

22 Matos 1998, 34.

23 Cunha 1882, 19.

os feitos militares, realçando, uma vez mais, o interesse bíblico, ao mencionar que alguns historiadores identificam Merenptah como o faraó coincidente com “a passagem do Mar Vermelho realizada pelos Israelitas, quando capitaneados por Moisés saíram do Egipto para o deserto da Arábia”.<sup>24</sup> Na *História dos Antigos Povos Orientais* (que, segundo a capa, obedece ao programa do 2.º ano dos liceus) de Augusto C. P. Soromenho, Capitão de Infantaria, o Egipto é tratado nas pp. 3-18, ou seja, é o primeiro povo do Oriente a ser citado. Em *História da Civilização Primitiva e Oriental*, de autor anónimo, são dedicadas as pp. 18-25 aos egípcios, sendo realçada a antiguidade destes<sup>25</sup>. Na *História Antiga* de João Cesário de Lacerda,<sup>26</sup> médico-cirurgião, e activo colaborador nesta colecção, o Egipto ocupa a segunda posição na hierarquia dos povos antigos, sendo o primeiro o povo hebreu; o Egipto preenche apenas quatro páginas deste pequeno livro. Lacerda demonstra um conhecimento algo incipiente sobre o Egipto, referindo-se aos nomes dos faraós na sua forma helenizada e contando XXXIV dinastias, ao invés das XXX clássicas transmitidas por Manenton (Lacerda 1883, 21).<sup>27</sup> Na *História da Filosofia*, de José Augusto Saraiva, apresentado como professor de instrução secundária, este é muito crítico em relação ao Egipto, civilização a que dedica apenas meia página. Este professor afirma que o desenvolvimento intelectual da Grécia foi prejudicado pelo Egipto.<sup>28</sup> Numa reflexão sobre *A Mulher na Antiguidade*, de J. A. Marques Gomes, que é publicista, começa por discorrer sobre a mulher segundo a perspectiva hebraica, partindo depois para a mulher egípcia (pp. 12-14). Aqui o autor limita-se a repetir alguns lugares-comuns oitocentistas:<sup>29</sup> a libertinagem no Egipto, segundo Gomes, era não só autorizada e protegida, como largamente

24 O imaginário bíblico está muito presente no homem oitocentista. V. as únicas impressões de Eça de Queirós sobre o Egipto em vida numa série de artigos que publicou no *Diário de Notícias* em 1870, mais concretamente no quarto artigo: “Foi neste lugar [lagos Amargos] que passaram os Hebreus, guiados por Moisés; foi aqui que ficaram sepultadas as legiões dos faraós, quinze mil homens e mil e duzentos carros” (Eça de Queirós 2016, 236). Cf. também sobre essa recepção no Portugal oitocentista em Silva (2007, 71-75).

25 “Ainda os outros povos jazem no estado selvagem, e já o Egipto, 3.500 anos a.C., tem um rei e uma administração; ...”

26 Nabo 2012, 124.

27 Tratar-se-ia de um lapso de escrita? Mesmo admitindo a contabilização dos soberanos ptolemaicos, haveria apenas XXXII dinastias (“Dinastias” *DAE*, 276). A hipótese mais verosímil será a da cópia do testemunho de Pedroso (Pedroso 1896, 20; v. III – Zófimo Consiglieri Pedroso).

28 “Principalmente com as suas tríades cosmogónicas, com a transmigração das almas, etc., foi para a Grécia um mestre que muito prejudicou o seu desenvolvimento intelectual” Saraiva (1886, 6).

29 V. u.g. Matos (2002, 219); Said (2004, 138-9, 216-23, 237-8).

justificada.<sup>30</sup> A prostituição sagrada, porém, não existia no Egípto, ao contrário de outras civilizações pré-clássicas, como a mesopotâmica.<sup>31</sup> Por fim, num volume de autoria anónima, dedicado à cronologia, o autor refere o calendário egípcio (pp. 38-39), mas não assinala quaisquer referências ao Egípto nas Tábuas cronológicas ou nas datas capitais da História Universal.<sup>32</sup>

### III – Zófimo Consiglieri Pedroso

O nosso terceiro caso, Zófimo Consiglieri Pedroso, apresenta-nos uma tendência ligeiramente diferente em relação aos autores supramencionados. O primeiro dos compêndios que Pedroso escreveu foi o *Compêndio de História Universal*, publicado em 1881, e já com uma quinta edição em 1896.<sup>33</sup> Depois de um breve intróito, em que Consiglieri Pedroso aborda questões relacionadas com o método e crítica histórica, este inicia o *Compêndio de História Universal* com a Antiguidade Oriental, mais concretamente com o Egípto. No primeiro ponto, o autor aborda as fontes da história do Egípto, dividindo-as em duas categorias: as fontes clássicas, onde inclui a Bíblia e os escritores gregos, e as fontes monumentais, as mais importantes segundo Pedroso, que se traduzem nas descobertas desse século.<sup>34</sup>

Quanto à história do Egípto propriamente dita, Pedroso dedica-lhe sete páginas, discorrendo sobre a história política deste país e dividindo-a em cinco

30 “... pois a libertinagem foi largamente exercida no Egípto! ... Em reforço à lei vinha a própria religião, que, havendo deificado a natureza fecundante e geradora sob os nomes de Osíris, Sol, Ísis, Terra, tirava da libertinagem um dos maiores rendimentos dos seus templos. ... Como deusa, Ísis era uma outra Vénus” (Saraiva 1886, 13). Cf. Saraiva (1886, 13-14). Esta imagem, vinda já nas *Histórias* de Heródoto, por exemplo, em 2.60, em que o historiador grego descrevia uma celebração festiva em Bubástis, que terminaria em orgias, além de 2.126, em que o famoso Khufu, para financiar a grande pirâmide, teria obrigado a sua filha a prostituir-se.

31 “Prostituição” *DAE*, 714.

32 O autor optou por seguir o legado judaico-cristão, no capítulo da História Sagrada, a par das datas fundamentais de Grécia e Roma. Este livro contém uma simbiose curiosa: o cientismo aliado com a história sagrada.

33 Versão consultada. Infelizmente não tivemos acesso, por causa da deterioração dos exemplares, às anteriores edições depositadas na Biblioteca Nacional.

34 Assinalando a decifração da escrita hieroglífica por parte de Champollion e os continuadores desta nova ciência: Mariette, Chabas, Lepsius e Maspero, enfatizando, no fim desta pequena apresentação, algumas contribuições de relevo para a história do antigo Egípto, tais como Maspero, *Histoire ancienne des peuples de l'Orient*; Lenorman, *Manuel d'histoire ancienne d'Orient jusqu'aux guerres médiques*; Mariette *Aperçu d'histoire ancienne de l'Égypte*; Champollion, *L'Égypte sous les Pharaons*; Dumichen, *Historia do antigo Egípto* (tradução espanhola) e Wilkinson, *Usos e Costumes dos antigos egípcios*, apresentada como transcrevemos, mas de que não se conhece nenhuma tradução nesta época (Pedroso 1896b, 17-18).

períodos: o Império antigo, o Império médio, o Império novo, o Egipto sob os Persas e, finalmente, o Egipto sob o domínio dos Gregos. O autor afirma, no entanto, que no antigo Egipto houve XXXIV dinastias. Como verificámos a propósito de Lacerda, já não é o primeiro erro do género. Continuamos sem saber, porém, onde é que Pedroso se foi basear para esta acepção.<sup>35</sup> Pedroso publica, em 1883, o resultado de uma série de conferências realizadas na Sociedade dos Jornalistas e Escritores Portugueses, no tempo em que ele era presidente. Esta publicação é intitulada *As Grandes Épocas da História Universal*.<sup>36</sup> Estas conferências vertidas em publicação são pertinentes para o nosso trabalho porque reflectem a recepção do antigo Egipto em Portugal no último quartel do século XIX. Consiglieri Pedroso dedicou a quarta conferência inteiramente ao antigo Egipto (pp. 61-85). As descobertas “importantíssimas e inesperadas”, realizadas principalmente na segunda metade do século XIX, obrigaram a abandonar o anterior ponto de vista bíblico.<sup>37</sup> Pedroso justifica, de seguida, a escolha do antigo Egipto. Para este, as razões reduzem-se e subordinam-se a uma “maior antiguidade provada desta civilização, a respeito de todas as outras que neste ponto lhe podem disputar primazias”.<sup>38</sup> Ainda a Europa jazia, palavras de Pedroso, na barbárie de uma idade pré-histórica, e já o Egipto era um importante foco de cultura e centro de notabilíssima elaboração intelectual e artística.<sup>39</sup> O Lente indica, ainda, o grau de autenticidade dos monumentos egípcios, muito superior às restantes civilizações

35 Nem Maspero, nem outros autores que consultámos, e que faziam parte da bibliografia supostamente consultada por Pedroso, falam em XXXIV dinastias. Mariette (1867, 14, 108) indica XXXIV dinastias, mas assinala o domínio romano como tendo sido a XXXIV dinastia, indo de encontro à dedução de Pedroso, que menciona os Ptolemeus como a derradeira dinastia egípcia, sendo de crer, todavia, que Pedroso se tivesse equivocado, seguindo a lista de Mariette.

36 Nela, o autor agradece a Almeida d’Eça, como vimos futuro redactor de uma *História antiga do Egipto*, por ter trasladado por meio da taquigrafia as conferências que deram origem a este volume. Cf. Pedroso (1883, IX n. 1).

37 Pedroso 1883, 62-63. Ainda assim, segundo Pedroso, para uma “certa escola”, o centro de toda a história da antiguidade oriental é constituído pelo povo hebreu. Pedroso critica duramente esse grupo de historiadores para “os quais a ciência não pode ter revelações que contradigam o dogma”, indicando que naquele lugar não existe espaço para dogmas ou filosofias.

38 Pedroso 1883, 64. O elogio ao antigo Egipto continua: afirma a sua supremacia em relação ao povo hebreu, fenício, assírio-caldaico, persa e indiano, além do europeu (Pedroso 1883, 65).

39 Pedroso 1883, 65.



antigas, excluindo a assírio-babilônica.<sup>40</sup> Menciona, também, o carácter pacífico desta civilização, concluindo esta conferência com uma prosa apurada.<sup>41</sup>

Consiglieri Pedroso escreveu, igualmente, um *Manual de História Universal*, publicado em 1884, dedicado ao ensino brasileiro. Neste manual, apesar do semelhante conteúdo em relação às duas obras anteriores, Pedroso acrescenta de sua pena alguma bibliografia e considerações que merecem a nossa atenção.<sup>42</sup> Na parte dedicada à religião, o autor afirma que o povo egípcio estaria “abismado num fetichismo ou animismo mais ou menos rudimentar”, uma representação que seria dominante neste tempo, sendo igualmente encontrada em Oliveira Martins.<sup>43</sup> A imagem de Consiglieri Pedroso segue, porém, os moldes anteriormente postulados nos seus estudos, e na última parte desta obra defende que o desenvolvimento artístico egípcio “indicam-nos que o povo que as produziu gozou mais que nenhum outro no antigo Oriente da tranquilidade fecunda, que proporciona a paz”.<sup>44</sup>

40 Pedroso 1883, 65. Este conceito é algo escorregadio, mas Pedroso menciona a diferença baseando-se na transmissão das fontes, visto que a “antiguidade essencial”, concepção de Pedroso, poderá ter sido investida de erros de transmissão por parte de copistas medievais, falando sobre a má-fé ou ignorância dos seus depositários ao longo dos séculos, tendo havido, assim, segundo o orador, a necessidade do nascimento da filologia. Os documentos egípcios não sofreram, segundo Pedroso, deturpação, i.e., o processo de tradição manuscrita, possuindo os egiptólogos os documentos originais: “Por isso a base da egiptologia apresenta um carácter de credibilidade histórica, que falta a ciências que se ocupam de outras civilizações aliás de muito mais recente data” Pedroso (1883, 67).

41 “... esse Egipto que, à semelhança da sua esfinge, está em parte preso ao misterioso passado que lhe serviu de berço, mas em parte também pelas esplêndidas criações da sua arte, pelos maravilhosos progressos da sua indústria, pela simpática feição da sua civilização eminente pacífica, representa, como a esfinge, uma aspiração ideal, um anseio para o futuro que já começava a doirar levemente os horizontes!” Pedroso (1883, 85).

42 Além dos nomes citados no primeiro compêndio, Pedroso cita aqui como bibliografia moderna a obra do egiptólogo alemão Heinrich Brugsch *Geschichte Ägyptens* e os historiadores Max Duncker e Georg Weber, além de Bunsen, todos na língua de Goethe. Cita ainda Cantu (autor de uma *História Universal*), Champollion, Dümichen e Wilkinson. Pedroso (1884, 29 n. 1).

43 Pedroso 1884, 39.

44 Pedroso 1884, 41. Consiglieri Pedroso lançou, ainda, um *Compêndio da História dos Povos Orientais* (1896), em que o antigo Egipto aparece como a primeira civilização a ser resumida, ocupando as páginas 5 a 20. Em relação aos anteriores compêndios, há poucas novidades, sendo de salientar um ponto dedicado aos habitantes do Egipto, que considera hamitas (no *Compêndio de História Universal* já tinha afirmado que os egípcios eram um povo de raça hamítica. Pedroso 1896b, 19), ou proto-semitas, indo ao encontro da teoria hamita, pela qual os egípcios seriam um povo que teria vindo da Ásia, expulsando para sul as primitivas populações do vale do Nilo, sublinhando que etnograficamente a “raça egípcia” se liga às populações brancas da Ásia, um dos conceitos em voga na segunda metade do século XIX: v. Sanders (1969, 528-9). Cf. Pedroso (1896a, 6-7). Velho (1880, 140-1) afirma que as “ideias arianas” foram levadas para o Egipto por alguma tribo emigrante ariana originária da Índia, tendo determinado o modo de ser da civilização egípcia.

## IV - Oliveira Martins e o antigo Egipto

Joaquim Pedro de Oliveira Martins (1845-1894) foi um membro eminente da chamada “Geração de 70”, tendo-se notabilizado, a nível intelectual, pelo projecto político-pedagógico da “Biblioteca das Ciências Sociais”, que iniciou em 1879 e terminou em 1885.<sup>45</sup>

### 1. A tradução do Egipto de Georg Ebers

Aproximemo-nos, agora, de Oliveira Martins. Reflectir-se-ia o entendimento do historiador sobre o Egipto em alguma das obras recenseadas? Primar-se-ia Oliveira Martins pela ciência positiva? Vejamos, porém, a primeira ligação do historiador ao antigo Egipto. A primeira conexão evidente de Oliveira Martins ao antigo Egipto foi a tradução que este fez da obra *Ägypten in Bild und Wort*, de Georg Ebers.<sup>46</sup> Acontece que algumas dúvidas se colocam quanto à datação e ao grau de mediação da tradução desta obra.

O original do egiptólogo e romancista Georg Ebers foi lançado, em dois tomos, durante os anos 1879-80, sendo imediatamente traduzido (1880-81) para francês pelo egiptólogo Gaston Maspero.<sup>47</sup> Além desta, a obra ainda foi traduzida para castelhano, provavelmente no ano de 1882.<sup>48</sup> Nesta tradução, em tudo similar à de Oliveira Martins, Georg Ebers é apresentado como Jorge Ebers, tal como na tradução do nosso historiador.<sup>49</sup> Ter-se-ia Oliveira Martins inspirado nesta tradução? Tudo indica que sim. Sabemos que é pouco provável que tivesse feito uma tradução a partir do alemão, visto que o próprio Oliveira Martins recebia do seu amigo Antero de Quental traduções neste idioma.<sup>50</sup> Poderia ter utilizado a tradução de Maspero, mas não temos qualquer indicação de que a tenha consultado. Ao cotejarmos, no entanto, a versão portuguesa com a edição castelhana,

45 Sobre a carreira de Oliveira Martins, v. u.g. Maurício (1995, 37-48) e Ramos (2004, 773-9).

46 Ebers 1879-1880. Tradução portuguesa Ebers [1901].

47 Ebers 1880-1881.

48 Traduzido por Antonio Bergnes de las Casas e revista por Cayetano Vidal de Valenciano. Ebers [1882].

49 Ebers [1882], capa.

50 V. u.g. carta de Antero de Quental a Oliveira Martins de meados de Dezembro de 1876 “Recebi há poucos dias o livro de Estudos Histórico-Religiosos do Zeller [tratar-se-á de Eduard Zeller, filósofo alemão], aquele autor alemão da História da Filosofia Grega, livro e autor que são hoje autoridades na Alemanha. Traz um estudo sobre o Desenvolvimento do Monoteísmo entre os gregos, que vou traduzindo por escrito para Você ler” Quental (2009, 1: 214) de 31 de Dezembro de 1876.

as semelhanças são inequívocas, tanto na apresentação gráfica<sup>51</sup> como na própria tradução de Oliveira Martins, que segue muito de perto a tradução espanhola. Esta monumental tradução portuguesa foi lançada, porém, numa data *post mortem* do historiador; pelo menos é isso que se deduz pela data disposta no tomo II do volume (1901). Tratar-se-ia de uma edição póstuma de Oliveira Martins? À primeira vista, sim. Ao consultarmos, contudo, a revista *A Ilustração*<sup>52</sup> de Mariano Pina, de 15 de Junho de 1891, aparece a divulgação desta obra em 80 fascículos quinzenais, custando 200 réis cada um.<sup>53</sup> Ou seja, como era hábito neste tempo, esta tradução foi primeiramente lançada em fascículos, sendo provável que tivesse sido completado o primeiro tomo, ainda o tradutor estava vivo, dado que este tomo não apresenta qualquer data de edição.<sup>54</sup>

## 2. Percepções martinianas sobre a civilização egípcia

A primeira referência ao Egípto, pelo jovem Oliveira Martins, pouco tem que ver com o antigo Egípto, embora anuncie a eterna imagem do Nilo associada a este país.<sup>55</sup> Ainda numa polémica sobre a Idade Média com Antero de Quental e Júlio Vilhena,<sup>56</sup> em 1873, Oliveira Martins não desenha a melhor das imagens do antigo Egípto, caracterizando os egípcios como “poluidores” da civilização. Só em 1878, em *O Helenismo e a Civilização Cristã*, é que Oliveira Martins discorre amplamente sobre o antigo Egípto, dedicando-lhe, inclusive, um subcapítulo intitulado “A transcendência dos egípcios” (pp. 142-6), apresentando várias

51 Posteriormente adoptada pela Companhia Nacional Editora.

52 Revista essa que contou com imensas colaborações de Oliveira Martins, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, entre outros.

53 V. *A Ilustração*, 15 de Junho de 1891, 174.

54 Esta dedução ainda nos permite datar o magnífico cartaz a cores de divulgação desta obra – em todo semelhante ao anúncio disposto na revista de Mariano Pina –, normalmente datado entre 1890-1900, de responsabilidade da Companhia Nacional Editora, e conservado nos reservados da Biblioteca Nacional. Embora de autoria anónima, é provável que se trate de uma elaboração de Henrique Casanova, que ilustrou esta obra, e que integrou o séquito da Rainha D. Amélia numa visita ao Egípto em 1903 (Araújo 2000, 59). Ainda por meio de uma epístola de Oliveira Martins ao seu amigo Eça de Queirós, datada de 26 de Julho de 1890 (Carta a Eça de 26 de Julho de 1890 em resposta a um pedido dele. V. Oliveira Martins 1926, 138 e Eça de Queirós 2008, 2: 82. Data em Eça de Queirós et Oliveira Martins 1995, 104), este informa Eça que se encontra “traduzindo o Egípto nos Caetanos” (entre 1888-1894, Oliveira Martins vive em Lisboa, na Calçada dos Caetanos, n.º 30, 1.º).

55 Na voz de Afonso de Albuquerque: “Encarnará em mim o génio dos Alexandres e dos Césares, a espada. As palmeiras do Ganges curvaram a copa orgulhosa sob o meu sapato ferrado; o Egípto ia aniquilá-lo não com armas, com a fome, transtornaria o curso do Nilo”: Oliveira Martins (1957, 43). Cf. a imagem do Nilo em alguns autores portugueses oitocentistas em Silva (2007, 66-70).

56 “Vêm os mistérios e os sacerdotes ... do Egípto ... vem uma invasão de sombras e depois delas umas hordas de selvagens, sanguíneas e flácidas; e tudo isso se espalha no Ocidente, tudo se combina e confunde com a civilização, tudo chega à pia baptismal, mas turva a limpidez das águas lustrais? ...” Oliveira Martins (1960, 73).

reflexões ao longo da obra, maioritariamente de cariz religioso,<sup>57</sup> como, por exemplo, a trindade como um dogma egípcio<sup>58</sup>.

O Egipto será abordado de uma forma mais contínua no projecto de Oliveira Martins – a “Biblioteca das Ciências Sociais”.<sup>59</sup> No plano editorial, não há qualquer texto referente ao antigo Egipto, sendo anunciado, mas nunca concretizado, um volume intitulado *O Oriente e a Grécia*. Neste labor, que terá o seu fim com o lançamento da *História da República Romana* em Julho de 1885, o antigo Egipto é referido esporadicamente em *Regime das Riquezas* (1883), tendo Oliveira Martins elaborado algumas reflexões de relevo em *As Raças Humanas e a Civilização Primitiva* (1881), *Sistema dos Mitos Religiosos* (1882), *Tábuas de Cronologia e Geografia Histórica* (1884) e a *História da República Romana* (1885).

Iniciemos a nossa análise pelo *Regime das Riquezas*. Nesta obra, Oliveira Martins traça o Egipto invocando o exemplo da fertilidade do solo como a causa primária da civilização mais remota do mundo ocidental,<sup>60</sup> mas, segundo Oliveira Martins, ao se ter “civilizado mercê da facilidade em obter produtos” e da vida “extremamente fácil”, o Egipto tornou-se, até hoje, escravo da cobiça dos vizinhos, estando à mercê do destino das conquistas.<sup>61</sup> Esta observação faz parte de um *topos* de análise de Oliveira Martins em relação às civilizações. Será em *As Raças Humanas e a Civilização Primitiva* que Oliveira Martins iniciará uma reflexão mais longa sobre o antigo Egipto. A referência a esta civilização inicia-se com uma analogia interessante: Oliveira Martins compara o antigo Egipto à China, indicando a sua interpretação da teoria do *ricorso* social de Vico aliado ao de

57 Quanto às fontes utilizadas, o historiador cita quase exclusivamente Maspero na sua obra *Histoire ancienne des peuples de l'Orient* e Bunsen no trabalho *Egypt's Place in Universal History*, referindo ainda passagens do “Livro dos Mortos”, pelo nome que Lepsius o cunhou, *Todtenbuch*, sendo inverosímil que Oliveira Martins tivesse lido o fac-símile de Lepsius em escrita hieroglífica e hierática, constituindo-se como mais provável a leitura da tradução inglesa de Cottrell, Birch, transposta no V volume do *Egypt's Place in Universal History* de Bunsen. Ainda neste período, Antero pede numa carta a Oliveira Martins que lhe devolva o *Smith's Student's Ancient History* Quental (2009, 2: 134).

58 Segundo Oliveira Martins, os sacerdotes de Amon e Osíris firmariam os seus dogmas e especulações, fixando o “espírito criador” numa idolatria, que seria evidenciada em “imaginações como que infantis”: (Martins 1985, 143). A crença na Duat era, de facto, pedra basilar da mentalidade egípcia, como afirma Carreira (“Religião” *DAE*, 748.) V. “Duat” (*DAE*, 285-6). Oliveira Martins julgava, porém, esta crença como pernicioso: “Por este misticismo naturalista chegava a moral prática entre os egípcios ... a essa ímpia negação da existência activa da existência real ...” (Martins 1985, 144).

59 Cf. o plano da Biblioteca das Ciências Sociais em “Biblioteca das Ciências Sociais” in F. A. Martins (1944, 325-29).

60 Oliveira Martins 1917, 6.

61 Oliveira Martins 1917, 7.

degenerescência étnica, estabelecendo os casos do Peru, México, Babilónia e do Egipto.<sup>62</sup> Mais à frente o historiador menciona a metáfora do rio que corre sempre direito ao mar, que Oliveira Martins foi buscar ao francês Antoine Cournot,<sup>63</sup> isto é, o condicionamento geográfico, ou mesológico, para utilizar um dos vocábulos correntes no final do século XIX.<sup>64</sup> O autor assinala ainda um paralelo em que defende que a história económica do Egipto é um “tipo”.<sup>65</sup> Esta acepção vai ao encontro das suas ideias sobre economia já transpostas no *Regime das Riquezas*, onde Oliveira Martins, apoiando-se em Aristóteles, distingue a crematística da economia. Por isso, o historiador compara o antigo Egipto à China; ambos são exemplos de história económica,<sup>66</sup> i.e., atingem a riqueza por meios pacíficos; por seu lado, “a conquista ou exploração da riqueza é o que caracteriza a crematística”,<sup>67</sup> leia-se, a Grécia ou a Roma antiga, e a Inglaterra actual, os povos indo-europeus. O próprio Eça, segundo Graça (2005, 56-57), chegou a ser influenciado por estas noções martinianas n’*O Mandarim*.

É no *Sistema dos Mitos Religiosos*, no entanto, que Oliveira Martins disserta mais significativamente sobre o Egipto, dedicando, dentro do capítulo “Animismo”, um subcapítulo “O Egipto” (pp. 80-100). Para Oliveira Martins, a mitologia egípcia mostra-nos “o limite de capacidade expressa do animismo”.<sup>68</sup> O animismo era, para o historiador, a invenção dos espíritos ou das almas como representação do mundo cósmico e os seus fenómenos, sendo, para o mundo psíquico, os sonhos e alucinações.<sup>69</sup> Oliveira Martins reflectia alguns *loci* oitocentistas no que diz respeito à análise da religião egípcia, nomeadamente na obra de Tiele, que é citada neste subcapítulo dedicado ao Egipto, além das concepções rálicas em vigor no último quartel do século XIX, em que os Egípcios estavam elencados entre os hamitas,<sup>70</sup> embora Oliveira Martins, numa análise ligeiramente diferente, e que

62 Oliveira Martins 1955a, 1:42.

63 Oliveira Martins 1955a, 1:42-49.

64 “Assim a civilização corre sempre como um rio para uma foz ... pela degenerescência como no Egipto ...” (Oliveira Martins 1955a, 1:60).

65 Oliveira Martins 1955a, 1:180.

66 “a socialização por via de leis que tornam a riqueza em bem-estar de cada um e de todos como povo” (Oliveira Martins 1917, X).

67 Oliveira Martins 1917, X.

68 Oliveira Martins 1986, 80.

69 Oliveira Martins 1986, 23.

70 Vide construção do “mito hamita” em Sanders (1969, 521-32 esp. 527-9).

decerto não estará longe da verosimilhança, sublinhe a semelhança entre o Egípto e as restantes mitologias africanas.<sup>71</sup> Quando ainda estamos num tempo em que se ressaltava a componente indo-europeia da “raça hamita”,<sup>72</sup> e em que muitos negavam as raízes africanas do Egípto,<sup>73</sup> Oliveira Martins relembra a componente africana da civilização egípcia.<sup>74</sup> No que diz respeito às restantes reflexões, ele dedica, por exemplo, as páginas 89-93 a descrever o mito de Osíris, indicando a tríade Ísis, Osíris e Hórus como a cristalização da mitologia animista do Egípto.<sup>75</sup> No entanto, para o historiador, por meio deste mito, o Egípto atingiu o seu acme, entrando, inevitavelmente, num processo de decadência.<sup>76</sup> Uma das razões por que Oliveira Martins apresentaria estes juízos negativos teria que ver que nos antigos Egípcios estaria ausente a ideia de vontade, ou inexistência de heroísmo,<sup>77</sup> um *topos* orientalista. E assim podemos introduzir a seguinte reflexão sobre o antigo Egípto, presente no inítrito das *Tábuas de Cronologia e Geografia Histórica*, denominada “Teoria da História Universal”. Neste texto, Oliveira Martins explana o que mais próximo entendia como uma teoria da história, que na expressão de Catroga era “a epopeia dos ários”, ou seja, o triunfo dos diversos ramos dos indo-europeus sobre os outros povos.<sup>78</sup> Neste sentido, a história das outras civilizações só faria sentido quando entrava em contacto com os indo-europeus, o que levou Oliveira Martins a afirmar que o Egípto caiu no esquecimento quando entrou na

---

71 Oliveira Martins 1986, 80.

72 Cf. Sanders (1969, 526-9).

73 V. “África” *DAE*, (32) e mais recentemente Araújo (2017, 49-59). Pedroso (1896b, 7) é defensor da teoria caucasiana da origem egípcia. Cf. supra III – Zófimo Consiglieri Pedroso.

74 O que não quer dizer que esta classificação fosse simpática em relação à civilização egípcia. V. o quadro de raças históricas, segundo Oliveira Martins e baseado em Haeckel, na obra *Elementos de Antropologia*: Oliveira Martins (1987, 152-3). Cf. igualmente as conclusões de Seabra (1999, 266-70).

75 Oliveira Martins 1986, 90. De facto, a dualidade egípcia é ponto acentuado por Oliveira Martins, à imagem da análise do mito que era transmitida neste tempo. Sobre a tríade: v. “Tríade” *DAE*, (836). Para um estudo sobre as tríades divinas com bibliografia, cf. Sales (2016, 223-40).

76 Vaticinando o historiador: “só lhe resta cair e morrer no seio do dogmatismo sacerdotal, do enquistamento ou ossificação em ritos mudos ...” (Oliveira Martins 1986, 93). Na análise de Oliveira Martins, e ao contrário dos deuses indo-europeus (Oliveira Martins utiliza o termo “ariano”, que estava em voga no mundo científico), que para este absorveram os elementos racionais da civilização, a saber: o metro, o peso, a ciência e as letras, no lado egípcio ficaram, nas palavras do autor, na “pessoa do velho e nocturno Tot” Oliveira Martins (1986, 94). Um elogio final parece, todavia, correr no historiador: “Dos confins mais remotos do mundo, dos estados mais rudos do homem, chegámos a uma civilização que ensinou ao europeu variadas artes, dando-lhe mais de uma lição ainda hoje repetida em nossos dias. E nesse nevoeiro animista, fixando-se sobre o Nilo, como a bruma que cobre os rios ... um povo dotado de engenho e arte” (Oliveira Martins 1986, 100).

77 Oliveira Martins (1986, 99).

78 Catroga 1996, 132; Oliveira Martins n.d., XVI. Cf. Catroga (1999, 218-27) para o período em que se começou a incorporar o povo português na matriz ariana.

órbita indo-europeia.<sup>79</sup> Ainda nesta breve reflexão, o historiador menciona que o indo-europeu “assimila, absorve e mata”.<sup>80</sup> Na última obra da “Biblioteca das Ciências Sociais”, a *História da República Romana*, Oliveira Martins explora um dos tópicos mais sensíveis a este: a decadência oriental.<sup>81</sup>

Numa das últimas obras do historiador, *A Inglaterra de Hoje*, (1893), escrita quando viajou a Inglaterra em 1892, está, uma vez mais, presente este *leitmotiv* martiniano. Nesta reflexão sobre a Inglaterra, não estão ausentes referências ao Oriente, nomeadamente ao Egípto. Até diríamos que, nesta reflexão seminal, está contida toda uma série de imagens do orientalismo como sinónimo de decadência. Já assinalámos o caso da República Romana, mas igualmente na sua *História de Portugal*<sup>82</sup> não faltam alusões à epopeia oriental portuguesa, aventura essa que teria levado à decadência de Portugal.<sup>83</sup> Os elementos orientais marcam a paisagem londrina tendo Oliveira Martins, quando ancorou em Greenwich, julgado estar em Alexandria.<sup>84</sup> As menções do antigo Egípto continuam a surgir quando Oliveira Martins se reporta à célebre agulha de Cleópatra, o obelisco de Tutmés III.<sup>85</sup> Ainda mais envolvente é o capítulo que Oliveira Martins dedica à visita ao *British Museum*. Logo após uma breve reflexão sobre a grandeza do Museu Britânico e as salas da Antiguidade Oriental,<sup>86</sup> Oliveira Martins achava-se

79 Oliveira Martins (n.d., XIII, XV) Assevera Oliveira Martins que o pasmo, respeito e admiração que os Gregos tiveram dos egípcios foi patenteado em Heródoto e depois em Platão, atestando que mesmo antes de o Egípto ser dominado por Alexandre este território já tinha sido helenizado Oliveira Martins (n.d., XV).

80 Oliveira Martins (n.d., XVI). Esta concepção de história que tanto vai buscar ideias de Hegel e Vico, como de Schopenhauer e Hartmann, ou à teoria dos acasos de Cournout, desembocava numa dimensão trágica acompanhada pela constante ameaça da degeneração e da morte, mesmo no caso dos povos indo-europeus. Seria, no modelo do antigo Egípto, uma lição paradigmática do domínio indo-europeu: primeiro helénico e depois romano, que absorveu e matou a civilização egípcia.

81 Como vimos na polémica com Antero e Júlio de Vilhena em 1873 (v. supra), para Oliveira Martins o caldeamento com os povos indígenas provocava um retrocesso ou decadência no progredir dos povos arianos. Na altura do contacto de Roma com o Oriente, já no período ptolemaico, o Egípto era uma “nação decadente”, nas palavras do historiador: Oliveira Martins (1965, 1: 335). Oliveira Martins considerava Roma como representativa de um “tipo”, i.e., segundo o modelo viquiano, a sociedade romana seria um “modelo” e “paradigma” de todas as sociedades (Martins n.d., XXXVI). Essa sociedade iria degradar-se mediante o contacto com o Oriente; o Oriente de uma “caducidade leprosa”: Oliveira Martins (1965, 1: 328). Como indica Matos (2002, 219), Oliveira Martins, por intermédio de Hegel (por meio da tradução francesa editada em 1876: *Philosophie de la religion*. V. Oliveira Martins 2009, 722), herdou alguns lugares-comuns acerca do Oriente, presentes na cultura secular europeia setecentista e oitocentista.

82 Primeira edição em 1879 e última com Oliveira Martins em vida em 1886.

83 V. u.g. Oliveira Martins (1968, 261): “Os *jumms* da Índia (como Albuquerque dizia) embriagavam os pobres portugueses, limitados na Europa à porção cônica do bragal e do aço, sujeitos a uma forçada sobriedade e as costumes mais presos”. A Londres do final do século XIX é, pois, a Lisboa do século XVI.

84 Oliveira Martins 1951, 127.

85 Oliveira Martins 1951, 29. Cf. “Obelisco” *DAE*, 637. Não deixa de ser interessante a alusão às esfinges, que não vieram do Egípto, mas que foram desenhadas e construídas na Inglaterra.

86 Comentários aos Acádios, Assírios, Hititas e Babilónios.

no outro lado do Mar Vermelho, entrando no Egípto faraónico. Este Egípto é retratado de maneira negativa, sendo um país que aspira à morte. A Pedra de Roseta é assinalada para ressaltar a importância que esta descoberta teve para a decifração dos textos egípcios. Oliveira Martins entra, por fim, na sala helénica, deixando o lúgubre Egípto, numa linguagem em que aplica a metáfora da luz/sombra.<sup>87</sup> Alguns aspectos presentes em toda a obra de Oliveira Martins estão patenteados nesta descrição. Veja-se a exposição do Egípto faraónico e a máscara fúnebre que comporta uma alucinação da morte. A segunda reflexão, relativa à Pedra de Roseta, nota alguma nostalgia e simpatia em relação aos franceses.<sup>88</sup> Na última reflexão, Oliveira Martins apresenta a dualidade luz/sombra que, a seu entender, marcava a diferença entre o antigo Egípto e a Grécia clássica: depois do fúnebre Egípto, Oliveira Martins entra na Atenas clássica e revigora o espírito, sente-se a ressuscitar.<sup>89</sup> Para concluir, o historiador, no último parágrafo deste relato de viagem, apresenta a imagem da agulha de Cleópatra e das esfinges, que “não paravam de sorrir de *humour*, luzindo-lhes os olhos felinamente”.<sup>90</sup>

## Conclusões

O interesse no antigo Egípto em Portugal não foi tão incipiente e acientífico como se poderia julgar.<sup>91</sup> O *Tratado Elementar*, de José Urcullu, embora ainda revestido de alguns erros próprios de literatura de viagem, ou de lugares-comuns em

87 Oliveira Martins 1951, 104.

88 De facto, Oliveira Martins era muito mais francófilo do que anglófilo, sendo a Inglaterra estereotipada negativamente ao longo desta obra. Francofilia de Oliveira Martins: veja-se a *História da República Romana*, Oliveira Martins (1965, I 29) “Se a França democrática satisfizer as aspirações de reformar social ... A história da república romana deixará de ser o tipo completo das histórias de nações arianas, porque a da francesa proporá ao mundo o exemplo de um estado desconhecido em Roma: o acordo, ou antes a ponderação da liberdade e da igualdade, dos direitos e das riquezas, realizando num estado de civilização completa e rica ...”. Anglofobia: como assinala Coelho (1997, 110), Oliveira Martins é o único da Geração de 70 que não se rende à educação inglesa, louvada, por exemplo, por Eça ou Ramalho Ortigão.

89 Repare-se, no entanto, que esta Atenas é muito diferente da Grécia do período helenístico. V. Oliveira Martins (1985, 19-20): “... se se quiser buscar no passado uma autoridade filosófica, só a Grécia tem o direito de nos dar lições; não essa Grécia do Egípto e da Síria, alterada pela mistura de elementos bárbaros, mas sim a Grécia original e sincera na sua expressão pura e clássica”.

90 Oliveira Martins 1951, 290. Para encerrar esta peça literário-jornalística, Oliveira Martins apresenta o processo de *reverse colonisation*, como menciona Santos (2007, 479). O obelisco de Tutmés III é, pois, uma ameaça à Inglaterra, uma inversão da ordem, visto que à semelhança de Portugal e de Roma, a nação inglesa vai ser destruída pelo Outro: v. comparação explícita em Oliveira Martins (1965, 2: 38).

91 Silva 2008, 62.



relação ao antigo Egíto, já revela alguns elementos de semblante “pré-egiptológico”. As referências a Champollion e à *Description de L’Egypte ou Recueil des Observations et des Recherches* são disso prova. Do mesmo modo se atentam, igualmente, algumas tentativas de aproximação científica, embora não uniformizada, ao citar-se alguns nomes dos faraós e cidades do antigo Egíto na forma egípcia.

No que diz respeito ao último quartel do século XIX, com a *Biblioteca do Povo e das Escolas*, assistimos à entrada de uma tentativa que poderemos chamar de “proto-egiptológica”, dado que já recolhe alguns elementos do domínio da egiptologia. Entre as diversas alusões ao antigo Egíto, presentes nos livrinhos da *Biblioteca*, temos um livro dedicado inteiramente à civilização egípcia. A obra de Almeida d’Eça, embora repetindo alguns erros de análise,<sup>92</sup> mostra um retrato sistemático e coerente sobre a civilização do antigo Egíto.<sup>93</sup>

O caso de Consiglieri Pedroso é outro ponto assinalável. Igualmente inédito, e alvo de polémica, o *Compêndio de História Universal* contribuiu, por certo, para uma abordagem verosímil ao antigo Egíto. Pedroso pretendeu, nesta obra, apresentar ao público escolar português um quadro sintético da História Universal, numa perspetiva da história da civilização.<sup>94</sup> Pedroso acentua, ainda, como Eça de Queirós o fez, o carácter pacífico do povo egípcio. Talvez Pedroso, dedução nossa, quisesse salientar o equilíbrio egípcio como antagónico ao belicismo hebraico, mas, mesmo expondo tal inferência, é de assinalar a perspicácia com que Pedroso se referiu aos antigos Egípcios.<sup>95</sup> E este foi um ponto que Oliveira Martins, mais

92 Talvez mais na sequência de um seguimento acritico em relação às autoridades e menos à sua vontade de descrever fielmente o antigo Egíto.

93 Os restantes volumes que fazem menções do antigo Egíto revelam a heterogeneidade dos contributos. Esta heterogeneidade vai contribuir, neste projecto enciclopédico, para uma coexistência entre as ideias positivistas, então recentemente difundidas em Portugal, e a exposição de acontecimentos e das datas consoante a História Sagrada, como vimos no livro dedicado à *Cronologia*. Não convém esquecer, igualmente, a projecção que estes livros tiveram nas escolas primárias e secundárias, sendo a sua tiragem, preço e divulgação um caso singular no Portugal oitocentista. Este aspecto é, a nosso ver, pertinente, dado que possivelmente muitos dos leitores – estamos a falar, recordemos, de uma pequena classe letrada – teriam sido introduzidos ao antigo Egíto a partir desta colecção.

94 Matos 1998, 191. Este livro foi alvo, lembremos, de contestação junto da Junta Consultiva de Instrução Pública. O antigo mestre de D. Pedro V, José Viale, proferiu um juízo negativo sobre a obra de Pedroso, nos moldes que estava afecto à “escola racionalista condenada pelo cristianismo em todas as partes do mundo”, chegando até a afirmar que o livro punha em causa um dos artigos da Carta Constitucional – que Matos (1998, 191-2) deduz que seria o art.º 6.º, que estabelecia a Religião Católica como religião do Estado.

95 Não podemos despir, como em todas as épocas da história, o propósito ideológico do autor: a “paz positivista” que reuniria todos os povos ao invés da violência perpetuada pela facção clerical. Cf. igualmente Hespanha (1999, 15), que ressalta a influência do positivismo para uma nova perspectiva na que diz respeito ao estudo das culturas não europeias.

admirador da belicosidade indo-europeia, discordou dos seus amigos Consiglieri Pedroso e Eça de Queirós.

Oliveira Martins veicula, ao longo das suas referências, na “Biblioteca das Ciências Sociais”, um retrato algo negativo do antigo Egipto. Cumprido o seu papel na civilização, que foi apropriado pelos indo-europeus – Gregos e Romanos – o Egipto caiu na decadência. Como se viu na obra *Sistema dos Mitos Religiosos*, embora a civilização egípcia tivesse atingido todos os estádios necessários para evoluir, a “religião animista” que seria, segundo Oliveira Martins, uma percepção infantil do mundo, envolveu os antigos egípcios em trevas e fantasmas.<sup>96</sup> Os motivos por que Oliveira Martins emitia tais juízos teriam que ver, principalmente, com a suposta ausência de heroísmo, ou vontade, característica dos indo-europeus e dos semitas, tendo uma segunda razão, relacionada com esta primeira, que ver com o modelo de história económica que o historiador aplicava ao antigo Egipto.<sup>97</sup> Interrogamo-nos, igualmente, sobre a aparente ausência do pensamento queirosiano em Oliveira Martins.<sup>98</sup> Como vimos, Oliveira Martins recorre aos autores e obras em voga no último quartel do século XIX.<sup>99</sup> Sobressai, todavia, que Oliveira Martins recorria aos autores consagrados com o intuito de os fazer coincidir com as suas posições sobre o assunto.<sup>100</sup> Parece-nos, pois, que Oliveira Martins balançava entre a objectividade científica do final do século XIX, e claramente apregoada na “Biblioteca das Ciências Sociais” e no ensaio *Da Natureza e do Lugar das Ciências Sociais* (1881),<sup>101</sup> e a subjectividade do autor, na sua

96 Oliveira Martins 1986, 99-100. O Egipto apenas merece um leve elogio na forma do legado que transmitiu à civilização ocidental, estando, nos restantes aspectos ausente de qualquer positividade.

97 Também estavam presentes em Oliveira Martins alguns estereótipos oitocentistas sobre o Oriente. Estes estereótipos foram transmitidos a partir da leitura de Hegel, lição em que sobressaia o dualismo, que, como sublinha Matos (2002, 219), balançava entre o “caos e o espírito”.

98 Como se depreende em *A Correspondência de Fradique Mendes* Eça afirma: “Cumprido enfim a promessa feita na sua erudita ermidã das Águas Férreas, naquela manhã de Março em que conversávamos ao sol sobre o carácter dos Antigos ...”, o antigo Egipto estaria, certamente, presente nas tertúlias dos dois amigos (Eça de Queirós 2014, 207). Aparenta, no entanto, que o pensamento martiniano influenciou muito mais a prosa de Eça do que o reverso: v. Matos (2017, 105-10). As influências de Eça na prosa de Oliveira Martins ter-se-ão pautado pela adopção do realismo na produção da *História de Portugal*. Matos (2017, 108-9). Cf., igualmente, em Graça (2005) os limites da influência de Oliveira Martins a Eça e até algum “distanciamento irónico” ou “glosa trocista” que o romancista acrescentou às ideias recebidas do historiador.

99 Cf. supra Introdução. O historiador preocupa-se em mencionar os governantes egípcios na forma egípcia, e não deixa de pôr, em certos momentos, a civilização egípcia como pioneira em muitos aspectos da civilização.

100 Alguns desses juízos reflectem certos *topoi* oitocentistas, como indagámos nos trabalhos da Biblioteca do Povo e das Escolas, e mesmo em Consiglieri Pedroso.

101 V. Oliveira Martins (1955b, 313-68). No contexto da reciprocidade interdisciplinar, no dizer de Catroga (1996, 126). Esta objectivação em Oliveira Martins, porém, encerra uma dimensão trágica: como assinala Catroga

visão, digamos, anti-iluminista e anti-positivista,<sup>102</sup> numa concepção orgânica da sociedade.<sup>103</sup> Não compreenderia, Oliveira Martins, o conceito de *maet*,<sup>104</sup> aspecto que, como assinala Araújo, o seu amigo Eça de Queirós, “sem ser egiptólogo, e desconhecendo totalmente a deusa Maet ou o conceito de *maet*”, viu o Egípto como um “país simples, luminoso e claro”.<sup>105</sup>

#### Abreviaturas

**DAE** – *Dicionário do Antigo Egípto*. Dir. Luís M. de Araújo. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.

---

(1996, 136): “a certeza do futuro aparece sempre suspensa da iminente e imprevisível ameaça da degeneração e da morte”.

102 Oliveira Martins (1985, 37): “... mocidade que sai das nossas escolas ... recebe com entusiasmo a educação ímpia do positivismo científico, e aplaude cegamente o voltairianismo de uma literatura tão blasfema como tola ... e a classe média ... sem educação alguma, desconhece a necessidade de filosofia, de poesia e de religião, atufada na névoa espessa do materialismo prático.” Para o anti-positivismo de Oliveira Martins v. Teixeira (1999, 315-22) e Correia (2000).

103 Herdada de Vico, mas mesclada igualmente, entre outros, com Hegel, Hartmann e Herder. Estes factores terão levado, contudo, o historiador a incorrer em relação ao antigo Egípto, a estereótipos orientalistas, como afirma Matos (2002, 222).

104 Preferindo este mencionar como símbolo do antigo Egípto a “múmia ressequida”: Oliveira Martins (1986, 100).

105 “Maet” *DAE*, 535. Acrescentando Eça que, ao contrário da percepção de Martins, “Pelo menos não tem nada de misterioso nem de lúgubre” (Eça de Queirós 2016, 150). Mais sobre a noção de *maet* em Carreira (1994, 158-70) e Araújo (2017, 283-91).

## BIBLIOGRAFIA

- Almeida, Ana C. A. de. 2017. “O naufrago. Conto egípcio”. Um estudo de Esteves Pereira nas primícias da Egiptologia.” In *ACT32: O Oriente em tradução*, org. de Catarina Nunes de Almeida et Marta Pacheco Pinto, 89-101. Ribeirão: Húmus.
- Almeida de Eça, Vicente. 1890. “História Antiga do Egípto.” *Biblioteca do Povo e das Escolas*. Vol. 182, Lisboa: Companhia Nacional Editora.
- Anónimo. 1883. “Cronologia.” *Biblioteca do Povo e das Escolas*. Vol. 50, Lisboa: David Corazzi Editor, Empresa Horas Românticas.
- Anónimo. 1908. “História da Civilização Primitiva e Oriental.” *Biblioteca do Povo e das Escolas*. Vol. 217, Lisboa: “A Editora”.
- Araújo, Luís M. de. 1992. “Aspectos do roteiro queirosiano no Egípto: Eça de Queirós na mastaba de Ti.” *Cadmo* 2: 102-16.
- \_\_\_\_\_. 1988. *Eça de Queirós e o Egípto Faraónico*. Lisboa: Editorial Comunicação.
- \_\_\_\_\_. 2010. “Eça de Queirós en Egypte.” *Res Antiquitatis. Journal of Ancient History* 1: 86-106.
- \_\_\_\_\_. 1993-1994. “Eça na mastaba de Ti.” *Queirosiana. Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração* 5/6: 125-43.
- \_\_\_\_\_. 2000. “Egiptologia em Portugal.” *Cadmo. Actas do Colóquio Internacional Sociedade, Religião e Literatura no Próximo Oriente Antigo* 10: 57-94.
- \_\_\_\_\_. 1996-1997. “Fotografia e egiptologia no século XIX.” *Cadmo* 6/7: 125-37.
- \_\_\_\_\_. 2002. *Imagens do Egípto Queirosiano. Recordações da jornada oriental de Eça de Queirós e o Conde de Resende em 1869*. Vila Nova de Gaia: Solar Condés de Resende.
- \_\_\_\_\_. 2015. *O Egípto Faraónico. Uma civilização com três mil anos*. Lisboa: Arranha-céus.
- \_\_\_\_\_. 2011. *Os Grandes Faraós do Antigo Egípto. 30 Faraós, 30 Dinastias*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- \_\_\_\_\_. 2017. *Os Grandes Mistérios do Antigo Egípto*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- \_\_\_\_\_. 2002. “Os primórdios da ciência egiptológica.” *Cadmo. Actas do Colóquio Internacional Orientalismo Ontem e Hoje* 12: 63-84.
- Belzoni, Giovanni B. 1820. *Narrative of the Operations and Recent Discoveries within the Pyramids, Temples, Tombs and Excavations in Egypt and Nubia*. London: John Murray, Albemarle-Street.
- Biblioteca Nacional, ed. 1975/1976. *300 Anos do cartaz em Portugal*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- \_\_\_\_\_. 1992. *Tesouros da Biblioteca Nacional*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Boeckh, August. 1845. *Manetho und die Hundsternperiode: ein Beitrag zur Geschichte der Pharaonen*. Berlin: Verlag von Veit & Comp.
- Bunsen, Christian. K. J. F. von. 1867. *Egypt's Place in Universal History an Historical Investigation in Five Books*. Trans. Charles H. Cottrell, Samuel Birch, 5 vols. London: Longmans Green and Co.
- Carreira, José N. 1980. *Do Preste João às Ruínas da Babilónia. Viajantes Portugueses na rota das Civilizações Orientais*. Lisboa: Editorial Comunicação.
- \_\_\_\_\_. 1994. *Filosofia Antes dos Gregos*. Lisboa: Europa-América.

- Carreiro, José B. 1948. “Índice da Livraria de Antero de Quental.” In *Antero de Quental. Subsídios para a sua biografia*. Vol. 2, 311-35. Lisboa: Livraria Morais.
- Catroga, Fernando. 1996. “A História Começou a Oriente.” In *O Orientalismo em Portugal [Séculos XVI-XX]*. Coord. Ana Maria Rodrigues, 197-239. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses/Inapa.
- \_\_\_\_\_. “História e ciências sociais em Oliveira Martins.” In *História da História em Portugal. Sécs. XIX-XX*, ed. Luís R. Torgal et al., 117-59. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Coelho, Maria T. P. 1997. “Oliveira Martins e a literatura de viagens da Geração de 70: imagens da Inglaterra vitoriana em *A Inglaterra de Hoje*.” In *Literatura de Viagem. Narrativa, história, mito*, org. Ana M. Falcão et Maria T. Nascimento et Maria L. Leal. 107-20. Lisboa: Cosmos.
- Correia, Domingos A. M. 2000. *Oliveira Martins perante o Positivismo*. Tese de mestrado. Braga: Universidade de Minho.
- Cruz, Frederico. 1952. “Eça de Queiroz Viajante.” *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* 1-3 (Jan/Mar): 31-47.
- [CUNHA, Xavier da]. 1882. “História Universal.” *Biblioteca do Povo e das Escolas*. Vol. 46, Lisboa: David Corazzi Editor, Empresa Horas Românticas.
- Domingos, Manuela D. 1985. *Estudos de Sociologia da Cultura. Livros e Leitores do Século XIX*. Lisboa: Instituto Português de Ensino à Distância.
- Ebers, Georg. 1879-1880. *Ägypten in Bild und Wort: dargestellt von unseren ersten Künstlern*. 2 vols. Leipzig, Stuttgart: Druck und Verlag von Eduard Hallberger.
- \_\_\_\_\_. [1882] *Egipto*. Trans. Antonio B. de las Casas et rev. Cayetano V. de Valenciano. Barcelona: Espasa Y Compañía Editores.
- \_\_\_\_\_. [1901] *Egipto*. Trans. Oliveira Martins. 2 vols. Lisboa: Companhia Nacional Editora.
- \_\_\_\_\_. 1880-1882. *L'Égypte*. Trans. Gaston Maspero. Paris: Librairie de Firmin-Didot.
- Eça de Queirós, José. 2014. *A Correspondência de Fradique Mendes (Memórias e Notas)*, eds. Carlos Reis, Inês Fialho et Maria J. Simões. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- \_\_\_\_\_. 2008. *Correspondência*. 2 vols. Lisboa: Editorial Caminho.
- \_\_\_\_\_. 1870. “De Port-Saïd a Suez.” *Diário de Notícias*, 18-21 de Janeiro, Lisboa.
- \_\_\_\_\_. n.d. *Notas Contemporâneas*. Lisboa: Livros do Brasil.
- \_\_\_\_\_. 2015. *O Egipto. Notas de Viagem*. Pref. e anotações de Alfredo C. Matos. Lisboa: Feitoria dos Livros.
- \_\_\_\_\_. 2016. *O Egipto e outros textos sobre o Médio Oriente*. Pref. Maria F. Mónica. Lisboa: Relógio D'Água.
- Eça de Queirós, José et Oliveira Martins J. 1995. *Correspondência*. São Paulo: Unicamp.
- Enes, António. 1868. *A Filosofia Religiosa do Egipto*, Tese para ser defendida no Curso Superior de Letras. Lisboa: Tipografia de Sales.
- Figueiredo, António. 1825 (1782). *Compêndio das Épocas e Sucessos mais Ilustres da História Geral*. Lisboa: Tipografia Rollandiana.
- Garção, Pedro M. 1947. “Eça de Queiroz e o Egipto.” In *Eça de Queiroz. “In Memoriam”*. 2ª ed. Orgs. Eloy do Amaral et Cardoso Martha, 208-10. Coimbra: Atlântida.
- Girodon, Jean. 1959. “O Egipto” d' Eça de Queiroz.” *Bulletin des études portugaises* 22: 3-60.

- Gomes, J. A. 1888. “A Mulher na Antiguidade.” *Biblioteca do Povo e das Escolas*. Vol. 163, Lisboa: David Corazzi Editor, Empresa Horas Românticas.
- Graça, João C. 2005 “Martins e Eça: leituras transtextuais, teorias da história e teoria económica.” *Ler História* 24: 31-75.
- Grimal, Nicolas. 2005. *A History of Ancient Egypt*. London: Blackwell.
- Hespanha, António M. 1999. “O Orientalismo em Portugal (Séculos XVI – XX).” In *O Orientalismo em Portugal [Séculos XVI-XX]*. Coord. Ana Maria Rodrigues, 15-37. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses/Inapa.
- [Lacerda, João L. de]. 1883. “História Antiga.” *Biblioteca do Povo e das Escolas*. Vol. 58, Lisboa: David Corazzi Editor, Empresa Horas Românticas.
- Lima, Isabel P. de. 2003. “O Oriente literário entre dois séculos.” *Cadmo* 13: 129-46.
- \_\_\_\_\_. 1999. “O Orientalismo na Literatura Portuguesa (Séculos XIX e XX).” In *O Orientalismo em Portugal [Séculos XVI-XX]*. Coord. Ana Maria Rodrigues, 145-95. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses/Inapa.
- Mariette, Auguste. 1867. *Aperçu de l'histoire ancienne d'Égypte: pour l'intelligence des monuments exposés dans le temple du parc égyptien*. Paris: Dentu.
- Maspero, Gaston. 1875. *Histoire ancienne des peuples de l'Orient*. Paris: Hachette et Cie.
- Martins, Francisco de A. 1944. *O Socialismo na Monarquia. Oliveira Martins e a “Vida Nova”*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.
- Matos, António C. org. et coord. 2015. *Dicionário de Eça de Queiroz*. 3ª ed. rev. e ampliada. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Matos Alfredo C. 2017. *Eça de Queiroz, Uma Biografia*. 3ª ed. rev. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Matos, Sérgio C. 1998. *Historiografia e Memória Nacional no Portugal do Século XIX (1846-1898)*. Lisboa: Colibri.
- \_\_\_\_\_. 2002. “Oriente e Orientalismo em Portugal no Século XIX: o caso de Oliveira Martins.” In *Cadmo. Actas do Colóquio Internacional Orientalismo Ontem e Hoje* 12: 211-24.
- Maurício, Carlos C. 1995. “Cronologia.” In *Espólio Oliveira Martins (Esp. E 20). Inventário*. Org. Maria J. Marinho. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Mónica, Maria F. 2009. *Eça de Queirós*. 5ª ed. rev. e aumentada. Lisboa: Quetzal.
- \_\_\_\_\_. 2001. *Eça: o regresso impossível*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Nabo, Olímpia J. B. M. 2012, *Educação e Difusão da Ciência em Portugal A “Bibliotheca do Povo e das Escolas” no Contexto das Edições Populares do Século XIX*. Tese de mestrado. Portalegre: Instituto Politécnico de Portalegre, Escola Superior de Educação de Portalegre.
- Oliveira, Francisco M. de. 1805. *Ensaio Poético Sobre a Harmonia do Mundo, e suas partes: ou Tratado Métrico de Geografia Universal para servir de instrução à Mocidade Portuguesa*. Lisboa: Officia de Simão Tadeu Ferreira.
- Oliveira Martins, Joaquim. 2009. *A Biblioteca de Oliveira Martins*. Introd. Martim de Albuquerque. Lisboa: Guimarães Editores.
- \_\_\_\_\_. 1960 (1873). “A Idade Média na História da Civilização. Polémica com Antero e Júlio de Vilhena” In *Jornal*, 67-113. Lisboa: Guimarães Editora.

- \_\_\_\_\_. 1951 (1893). *A Inglaterra de Hoje (Cartas de um Viajante)*. Lisboa: Guimarães Editores.
- \_\_\_\_\_. 1955a (1881). *As Raças Humanas e a Civilização Primitiva*. 2 vols. Lisboa: Guimarães Editores.
- \_\_\_\_\_. 1905 (1881). *As Raças Humanas e a Civilização Primitiva*. 2 vols. Lisboa: António Maria Pereira.
- \_\_\_\_\_. 1957 (1868). “Belém.” In *Política e História*. Vol. 1, 37-44. Lisboa: Guimarães Editores.
- \_\_\_\_\_. 1926. *Correspondência*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.
- \_\_\_\_\_. 1955b (1880-1881). “Da natureza e do lugar das ciências sociais” In *Literatura e Filosofia*. 313-68, Lisboa: Guimarães Editores.
- \_\_\_\_\_. 1987 (1880). *Elementos de Antropologia (História Natural do Homem)*. Lisboa, Guimarães Editores.
- \_\_\_\_\_. *Espólio de Oliveira Martins (E20)*. Biblioteca Nacional de Portugal, núm. 2076.
- \_\_\_\_\_. 1965 (1885). *História da República Romana*. Lisboa: Guimarães Editores.
- \_\_\_\_\_. 1968 (1886). *História de Portugal*. Lisboa: Guimarães Editores.
- \_\_\_\_\_. 1985 (1878). *O Helenismo e a Civilização Cristã*. Lisboa: Guimarães Editores.
- \_\_\_\_\_. 1917 (1883). *Regime das Riquezas. Elementos da Crematística*. Lisboa: António Maria Pereira.
- \_\_\_\_\_. 1986 (1882). *Sistema dos Mitos Religiosos*. Lisboa: Guimarães Editores.
- \_\_\_\_\_. n.d. (1884). *Tabuas de Cronologia e Geografia Histórica*. Lisboa: António Maria Pereira.
- Pedroso, Zófimo C. 1883. *As Grandes Épocas da História Universal*. Porto: Livraria Civilização.
- \_\_\_\_\_. 1896a. *Compêndio da História dos Povos Orientais*. Lisboa: M. Gomes Editor.
- \_\_\_\_\_. 1896b. *Compêndio de História Universal*. 5ª ed. Lisboa: Barata & Sanches.
- \_\_\_\_\_. 1884. *Manual de História Universal*. Paris: Guillard, Aillaud e Cª.
- Pereira, E., et G. Rodrigues, 1906. “Corazzi (David).” In *Portugal. Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*. Vol. 2 B-C, Lisboa: João Romano Torres Editor.
- Pina, Mariano, ed. 1891. *A Ilustração. Revista universal impressa em Paris*, 15 de Junho. Paris, Lisboa: Impressão P. Mouillot.
- Quental, Antero de. 2009. *Cartas*. 3 vols. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Ramos, Rui. 1997. “As origens ideológicas da condenação das descobertas e das conquistas em Herculano e Oliveira Martins.” *Análise Social* 32/140: 113-41.
- \_\_\_\_\_. 2004. “Martins, Joaquim Pedro de Oliveira.” In *Dicionário Biográfico Parlamentar. 1834-1910*. Vol. 2 (D - M). Dir. Maria F. Mónica, 773-9. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais, Assembleia da República.
- \_\_\_\_\_. 1998. “Oliveira Martins e a ética republicana.” *Penélope* 18: 167-87.
- Sales, José C. 1999. *As Divindades Egípcias. Uma chave para a compreensão do Egípto antigo*. Lisboa: Estampa.
- \_\_\_\_\_. 2009. “O lusitano Teodorico e o alemão Topsius no Oriente ou em torno da camaradagem luso-alemã n’A Relíquia de Eça de Queirós.” In *Outros horizontes. Encontros luso-alemães em contextos coloniais*. Org. Fernando Clara, 131-71. Lisboa: Colibri.
- \_\_\_\_\_. 2016. “Organizando simbolicamente o panteão do antigo Egípto. As tríades divinas.” *Revista Mundo Antigo* 5/9: 223-40.
- \_\_\_\_\_. 2007. “Primórdios e actualidade da egiptologia científica.” In *Estudos de Egiptologia – Temáticas e problemáticas*, 10-112. Lisboa: Livros Horizonte.

- \_\_\_\_\_. 2015. “Revisitando o mito egípcio das lutas entre Hórus e Set: em busca da essência monárquica egípcia.” In *Revisitar o Mito. Myths Revisited*, eds. Abel P. Nascimento et al., 697-713. Famação: Húmus.
- Said, Edward R. 2004. *Orientalismo. Representações ocidentais do Oriente*. Lisboa: Livros Cotovia.
- Sanders, Edith R. 1969. “The Hamitic Hypothesis; Its Origin and Functions in Time Perspective.” *The Journal of African History* 10/4: 521-32.
- Santos, Maria I. S. C. 2007. *O Império do Outro Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Batalha Reis, Oliveira Martins e a Inglaterra Vitoriana*. Tese de doutoramento. Lisboa: Faculdade Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Saraiva, José A. 1887. “História da Filosofia.” *Biblioteca do Povo e das Escolas*. Vol. 144, Lisboa: David Corazzi Editor, Empresa Horas Românticas.
- Seabra Jorge. 1999. “Oliveira Martins raça e história.” *Máthesis* 8: 217-71.
- Silva, I. F. da 1860. “D. José de Urcullu” In *Dicionário Bibliográfico Português*. Vol. 5, Lisboa: Imprensa Nacional.
- Silva, Andreia C. da. 2007. *Reflexos do antigo Egipto na literatura portuguesa do século XIX*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- \_\_\_\_\_. 2008. “Reflexos do antigo Egipto na literatura portuguesa do século XIX.” *Revista de Portugal* 5: 57-68.
- Soares F. A. C. 1886. “Arquitectura Sacra.” *Biblioteca do Povo e das Escolas*. Vol. 132, Lisboa: David Corazzi Editor, Empresa Horas Românticas.
- Soler, Elena L. 1999. “A viagem em Eça de Queirós.” *Queirosiana. Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração* 9: 13-51.
- Soromenho, Augusto C. P. 1901. “História dos Antigos Povos Orientais.” *Biblioteca do Povo e das Escolas*. Vol. 217, Lisboa: “A Editora”.
- Teixeira, António B. 1999. “O Anti-Positivismo de Oliveira Martins.” *Revista da Universidade de Coimbra* 38: 315-22.
- Tiele, Cornelius P. 1880. *Outlines of the history of religion to the spread of the universal religions*. London: Trübner & Co.
- Urcullu, Dom J. de. 1835-1839. *Tratado Elementar de Geografia. Astronómica, Física, Histórica ou Política, Antiga e Moderna*. 3 vols. Porto: Livraria de Álvares Ribeiro, Tipografia Comercial Portuense.
- Velho, Afonso A. Martins. 1880. *Estudos sobre o Oriente. Progressos da Civilização Ariana. Linguística, Literatura, Cronologia, História, Religião, Usos e Costumes, Poesia, Filosofia, Ciências, Artes e Indústrias*. 2ª ed correcta. Tomar: Imp. “La Merveille” de A. S. Magalhães.
- Viana, Mário. 1990. “David Corazzi, um editor português do século XIX.” *Revista da Biblioteca Nacional* 2/5 (Jul/Dez): 109-32.
- Visconde de Benalcanfor. 1876. *De Lisboa ao Cairo. Cenas de Viagem*. Braga, Porto: Livraria Internacional.
- Webster, James 1830. *Travels Through the Crimea, Turkey, and Egypt*. 2 vols. London: H. Colburn & R. Bentley.
- Wilkinson, John G. 1843. *Modern Egypt and Thebes: being a description of Egypt; including the information required for travellers in that county*. 2 vols. London: John Murray, Albemarle-Street.
- Wilkinson, Toby. A. H. 1999. *Early Dynastic Egypt*. London, New York: Routledge.





**CADMO**

**REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA**

JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

## OBJECTIVOS E ÂMBITO AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica anualmente estudos originais e ensaios relevantes de “estado da arte” em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente Antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, corredor Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo – Revista de História Antiga* não considera o conceito de “Antiguidade” como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também consideradas para publicação, bem como propostas de dossiers temáticos a publicar em números regulares da revista ou números temáticos a publicar em suplemento.

*Cadmo – Journal for Ancient History* yearly publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published works on the aforementioned subjects are also welcome, as well as proposals for thematic dossiers to be published in regular issues or of thematic issues to be published as a supplement.



CH  
-UL

CENTRO DE  
HISTÓRIA  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA